

» NAHIMA MACIEL

Quando olha para trás, Matheus Nachtergaele tem a certeza de que foi um ator “plantado na tragédia dos palcos”. Começou com Antunes Filho, ensaiando *Paraíso Zona Norte*, que nunca chegou a encenar, e queria elevar Nelson Rodrigues à categoria de tragédia. Foi um dos fundadores do Teatro da Vertigem, cuja intenção era repaginar uma das maiores tragédias da humanidade, o poema *O livro de Jó*. Mas quando começou a fazer televisão, o ator foi catapultado para a comédia. Então compreendeu a complementaridade dos dois gêneros. É a certeza de que tragédia e comédia são dois lados de uma mesma moeda, que ele leva para o palco do teatro do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) a partir de hoje. Em cena, Matheus Nachtergaele vive Jean-Baptiste Poquelin, mais conhecido como Molière.

Com direção de Diego Fortes e texto da mexicana Sabina Berman, *Molière* conta a história de um embate clássico e muito conhecido no mundo do teatro: o confronto entre a tragédia e a comédia, representados por Molière e seu rival, Jean Racine. Sabina Berman é uma das colaboradoras do cineasta Alejandro González Iñárritu e criou um texto altamente conectado com a contemporaneidade para contar uma história do século 17. “As boas histórias sempre vão conversar com a contemporaneidade”, diz Nachtergaele. “O fato de Sabina ser mulher e latina coloca em pauta várias questões da contemporaneidade, como a competição entre homens, o olhar para o mundo feminino. Na peça, as mulheres são libertárias e donas do seu destino. Mas, principalmente, o mais atual é a questão de a gente ir aos poucos entendendo que alegria e prazer não são sinônimos de pecado e que, se os governos tivessem apostado mais na nossa alegria, talvez a história do mundo fosse outra hoje em dia.”

Nachtergaele contracenava com Renato Borghi, que vive Racine, em uma dramaturgia embalada por releituras de músicas de Caetano Veloso, outro toque contemporâneo da direção de Diego Fortes. “A peça é um prato cheio para quem quer conhecer a história do teatro”, avisa o ator. “Molière é um dos maiores dramaturgos, um artista preocupado com seu tempo, que influenciou toda a comédia ocidental e mundial. É o pai da comédia ocidental como a conhecemos. Até Ariano Suassuna é confessadamente um bebedor da fonte de Molière.”

Jean-Baptiste Poquelin nasceu na corte, em 1622. O pai fazia artigos de couro para o rei. Crescido, o menino se tornou o dramaturgo preferido de Louis 14, o Rei Sol, que reinava pomposo e despótico sobre uma França absolutista e pré-revolucionária. Extremamente crítico e de humor muito ácido, Molière não poupava a corte nem a

MATHEUS NACHTERGAELE SOBE AO PALCO DO CCBB A PARTIR DE HOJE NA PEÇA **MOLIÈRE**, QUE NARRA UM EMBATE CLÁSSICO DA HISTÓRIA DO TEATRO

ENTRE

A

TRAGÉDIA

E

A

MOLIÈRE — UMA COMÉDIA MUSICAL DE SABINA BERMAN

A partir de hoje às 20h, no Teatro do Centro Cultural Banco do Brasil, Brasília (CCBB - SCES Trecho 2 Lt. 22). Até 12 de março, de quinta a sábado, às 20h, e domingo, às 18h. Ingresso: R\$ 30 e R\$ 15 (meia). Não recomendado para menores de 12 anos

nobreza. Tinha um olhar corrosivo e, nas peças, zombava do próprio meio no qual fora criado, o que incomodou o clero francês e a realeza. Para destituir o dramaturgo do posto oficial tão cobiçado, o clero se une a Jean Racine, cuja especialidade, a tragédia, fora aprendida com o próprio Molière, de quem foi aluno.

A oposição e a complementaridade entre os dois gêneros é um dos pontos explorados pela peça. “A comédia é o prenúncio do trágico, é rir antes que aconteça, e a tragédia é a piedade do que nos acontece, independente de quisermos evitar”, explica Nachtergaele. “Não é que Molière foi traído por Racine, que é mau. É uma competição de dois artistas grandes. Racine era atrelado às raízes clássicas e Molière apostou todas as fichas nas críticas aos costumes ferrenhos. E muitos costumes permanecem entre nós, como a presença da igreja no estado, que a gente viu agora de maneira quase hedionda.” Para o ator, o texto de Sabina consegue filosofar sobre o prazer e a dor, sobre o falso antagonismo entre ser feliz e ser pecador. “Essa oposição é falsa. Ser feliz e buscar o prazer não é equivalente a ser pecador. E buscar a seriedade, a fé cega, os costumes rígidos não é equivalente a ser um homem superior”, acredita Nachtergaele.

Ele conta que a escolha das músicas de Caetano como trilha da peça, que é também um musical, tem origem nas raízes do próprio Renato Borghi, fundador do Teatro Oficina junto com Zé Celso Martinez Corrêa e muito ligado ao tropicalismo. “Achamos que o Caetano é muito semelhante ao Molière na liberdade de suas canções”, explica Nachtergaele, que gosta de repetir a reação do próprio Caetano ao ver a peça no Rio de Janeiro. “Ele disse que achou que seriam suas músicas executadas, mas que eram sensações nascidas de dentro das músicas”, lembra. Parte da inspiração musical para a trilha vem também da maneira como se tocava na corte da França do século 17.

Molière estreou em 2018. “As vésperas de o Brasil escolher o neofascismo miliciano evangelizador e para nossa grande graça e surpresa ela só ganhou profundidade, conteúdo e crítica passado esse governo malfadado”, acredita Nachtergaele. Com a pandemia, a turnê acabou suspensa para retornar agora, começando pelo Nordeste. “Foi muito emocionante, aproveitei para agradecer ao Nordeste, em cada sessão da peça, por nos salvar do fascismo. Fazemos a peça no sentido de comemorar uma democracia re-instalada”, diz o ator.

COMÉDIA